

# Gazeta de Braga

PUBLICA-SE. ÀS TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Proprietario, Redactor principal e Editor — o bacharel Augusto Clemente de Souza Geão.

Por um anno .....	2400	— COM ESTAMPILHA .....	2580	} NUMERO AVULSO .....	40		
Por seis mezes .....	1500	— COM ESTAMPILHA .....	1540			} ANUNCIOS POR LINHA .....	30
Por tres mezes .....	700	— COM ESTAMPILHA .....	820			} REFERENCIO .....	25

Assigna-se e vende-se n'esta typographia, Rua Nova n. 42. — Corresponciencias d'interesse particular são pagas. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção da *Gazeta de Braga*, Rua Nova n. 42. — Quando os escriptos forem de natureza, que impliquem responsabilidade, é necessario reconhecimento de tabelião. — As assignaturas serão pagas á recepção do 4. numero.

NUM. 5.

SEXTA FEIRA 9 DE DEZEMBRO. Setembro de 1864

ANNO I.

## EXPEDIENTE.

A redacção da «Gazeta de Braga» agradece aos seus collegas a obsequiosa deferencia, que tiveram de remeter-lhe os seus jornaes, durante a interrupção d'esta folha.

## GAZETA DE BRAGA.

Depois do periodo de alguns mezes de interrupção, a «Gazeta de Braga» reaparece hoje no forum da imprensa com as habilitações legaes para entrar nos certames da politica, e na apreciação sincera e decorosa dos negocios publicos. Certa da debilidade de suas forças, não apresenta ella apparatuso programma, mas, ao menos, sobram-lhe bons desejos de ser util á sociedade, e de concorrer com o seu pequeno obulo para o desenvolvimento material e moral do seu paiz.

O programma da «Gazeta de Braga» é singello e modesto.

Dezembrada de compromissos politicos, estranha a qualquer das parcialidades, que ali se debatem, a «Gazeta de Braga» ha de evangelizar as boas doutrinas, ha de advogar com dedicacão a causa publica, ha de castigar os abusos e as demasias do poder, onde as fór encontrar, ha de louvar o que fór bom, e stigmatizar o que fór mau, ha de com independencia e imparcialidade combater, ou apoiar os actos, embora sejam de iniciativa d'este ou d'aquelle governo, embora partam dos seus correligionarios, ou inimigos politicos.

Temos a liberdade, como prin-

cipio — e o bem-estar e a prosperidade da nação, como indubitavel complemento.

Parece-nos que é d'este modo, que a imprensa poderá desempenhar proficuamente a sua importantissima e ardua missão no seio da sociedade — alhear-se no conceito publico — ser vantajosa e util ao seu paiz. Collocada assim fóra do campo de exaltações partidarias, consagrando-se especialmente ao bem publico, a «Gazeta de Braga» acatará sempre e profundamente as convicções dos outros, quando sejam oppostas ás suas. Respeitará os seus adversarios na discussão placida de principios, uzando d'uma linguagem delicada e honesta, como o demandam imperiosamente as pugnas incruentas da razão, da intelligencia e do raciocinio.

E' este o credo, que professamos, é este o lábaro, que hasteamos no campo da imprensa.

Finalmente a «Gazeta de Braga» fecha o seu programma, repetindo o que já disse no seu primeiro numero — não só advogará os interesses e melhoramentos do paiz em geral, e particularmente os da formosa provincia do Minho, senão tambem discutirá as importantes reformas nos variados ramos da publica administração, e evangelizará os mandamentos da instrucção popular, que em todo o seu tirocinio da imprensa lhe merecerão especial cuidado e disvelo.

## A' GAZETA DE BRAGA.

I.

Devotado ás lides jornalisticas, o nosso particular e muito prezado

minha mãe me assustava; minha mãe que só tinha uma filha, e estava pobre e fraca a viver do que essa filha ganhava!

Passei um dia amargurado. Nem podia chorar. Se me interrogassem das lagrimas que havia eu de responder?

Só via abismos diante de mim, e media-os palmo a palmo.

Quem saberá o que é esta dôr? a dôr da deshonra vendida, em que fallecem direitos á remuneração? Eu que nunca pensara assim!

A' noite não adormeci. Velei em lucta com a hydra do remorso sem a poder subjugar. Que implacavel não é o remorso! Que inexoravel algôz que nos desconjuncta o coração pedaço a pedaço!

Meu Deus, que eterna noite! Era o

amigo, proprietario e redactor principal d'esta folha, fez-nos um honroso convite com que muito nos pendorou; e accetando-o gostosos, profunda e respeitosamente lh'o agradecemos. Podem os leitores da «Gazeta de Braga» contar com a nossa collaboração, visto que o nosso bom amigo se lembrou de nos honrar, sollicitando-a.

Não deixa de agradar-nos o plano, que o nosso bom amigo se propõe seguir. Sympathisamos com a causa popular, e sempre que vejamos, que alguém tracta de a advogar, estamos a seu lado, por que, filhos do povo, temos pela nossa familia intima e calorosa predilecção.

A imprensa pode prestar grandes serviços ao paiz: deve prestar-lh'os, porque para isso foi instituida.

E quando ella se torna mais proficua e salutar é, inquestionavelmente, quando vive emancipada de compromissos politicos, contrahindo-os tão sómente sociaes: isto é, dispondo-se a tractar exclusivamente do bem publico sem divisa politica.

Em nossa humilde opinião, a unica virtude do jornalismo consiste na sua independencia. Nada temos por mais vexatorio e humilhante, do que a subserviencia e mercantilismo da imprensa, devotada cegamente ás loucuras e excessos partidarios. Se a «Gazeta de Braga» promette conservar-se extranha e opposta aos desvarios e caprichos facciosos, tendo só em mira e por leme o interesse popular, bom acolhimento lhe auspiciamos, e optimos resultados colherá. Avançaremos alguma coisa mais: pode ser de grande vantagem para a localidade, se não transigir com os diferentes partidos, que ali se debatem e hostilizam.

preludio das trevas infernaes. . . julguei não ver mais a luz do dia.

Apenas rompeu a alva levantei-me logo. Dormia ainda minha mãe, e eu sahi em silencio a procurar Maria do Carmo.

Não estava lá. . . — Para onde hiria ella? «Ha dois dias que não apparece» Meu Deus, meu Deus! . . . — E encontrei-me á porta quasi sem sentidos.

N'isto veio uma mulher, que me era extranha, e abriu a porta. Perguntei-lhe por ella, e disse-me que se mudara aquella noite para o bairro de S. Vicente.

Não respondi; por que não tinha voz, e corri para casa por entre uma nuvem

Uma publicação bisemanal, cujo fim unico seja conservar-se neutral e electica, avaliando os homens de estado e os seus actos sem paixão ou animosidade politica, mas conscienciosamente; uma publicação assim pode influir muito e favoravelmente nos destinos de Braga, e de toda a provincia do Minho, onde o espirito partidario se acha bastante exaltado.

Não irrogamos censura directa; sympathisamos com a provincia do Minho; temos de Braga saudosas recordações; e longe de nós está a intenção de lhe fazer insinuações, que a offendam.

Parece-nos que as intenções do illustrado proprietario e redactor principal da «Gazeta» são optimas.

Sustentar-se imparcial, encomiando o que fór digno de louvor; não poupar ao governo qualquer abuso e stigmatizar-lh'o com delicadeza e prudencia; taes são a nosso ver as intenções do nosso amigo, intenções, que muito lhe applaudimos e em que o secundaremos, tanto quanto fór ao nosso curto alcance, e em harmonia com os nossos principios, crenças e sentimentos politicos.

Não somos infestos ao actual gabinete. Mas porque lhe sejamos afficcionados, não deixaremos de o increpar e advertir sempre que assim o mereçam quaesquer circumstancias ou factos menos dignos d'um partido, menos convenientes ou nocivos ao paiz.

Para nós é tão condemnavel a subserviencia — como a opposição acintosa. Nem professamos a primeira, nem seguiremos a segunda, embora vejamos que amanhã se eleva ao poder um outro partido, que não seja o nosso. E para isto, quando outras razões não tivessemos que

escura allumiada por faiscas que se me crusavam diante dos olhos.

Atirei-me sobre a cama como uma louca, escondi a cabeça entre as mãos, e dei alguns gritos que a dôr me arrancava.

Accordou minha mãe, correu a mim precepitada, levantou-me n'aquelles magros braços que se deram um vigor varonil, e chamava-me em altos brados, interrogava-me com a voz cortada de soluços, chorava a pobre velha. . . lançava-me as lagrimas nas faces encendiadas da febre. . . e eu não podia descerrar os labios. . . não podia abrir os olhos, estava fria. . . sem respiração, sem movimento. . . como tomada de uma horrivel catalepsia! . . .

Cançou, deixou-me cahir na cama, e sahi.

## SECÇÃO LITTERARIA.

## FOLHAS PERDIDAS.

(Continuado do n. antecedente).

No dia seguinte procurei Maria do Carmo para lhe contar o que se passara. Não estava em casa.

Não imagina o que senti. Estava tão carecida de consolos, que o menor obstaculo a elles me perturbava a razão.

Comecei a assustar-me de tudo. Até

apresentar bastar-nos-hia a convicção a crença íntima de que o escriptor publico seja d'esta ou d'aquella escola politica tem rigorosa obrigação de ser, primeiro que tudo, um homem de bem, superior ás paixões, e só amigo da verdade, da justiça, do bem publico e da sua honradez e boa reputação.

Este o nosso perfil politico; este o nosso dogma social; estas as nossas convicções íntimas, estas finalmente as qualidades, que julgamos indispensaveis ao publicista, porque d'ellas outras muitas dimanam; e a sua homogeneidade importa substancialmente a sua virtude essencialissima—a austeridade intorçível e inabalavel, a critica immediata e sã, a escripta de mão firme e prudente, de espirito sereno e circumspecto.

Ter um partido é ter familia: ter familia é ter deveres e muitos, e sagrados e imperiosos. Na observancia rigorosa d'esses deveres, pensamos nos, consiste a verdadeira e unica politica, que nobilita e engrandece o homem, que utiliza e convem á sociedade.

Mas na rigorosa observancia d'esses deveres já melindrosa e arriscada a posição do publicista: difficilmente a vencerá com resultado satisfatorio e com integridade, se uma só vez lhe accordar no espirito a ideia de direitos — o egoismo — embora refreado pelo amor da honradez e do bom conceito publico. O amor por taes dotes é um sentimento nobre; mas degenerado em hypocrisia pode esconder o egoismo; o que não pode é ser honroso ao publicista, nem conveniente á causa que elle se propozar advogar.

Diz-nos a philosophia e a convivencia social por mil exemplos, que o egoismo é quasi fatal em todos os homens.

O amor de prosperar, que é naturalissimo e indispensavel no homem, pode ser e é egoismo. Mas do egoismo á ambição vae uma grande distancia. O egoista pode não ser ambicioso; mas o ambicioso é necessariamente egoista. Sem egoismo ninguém prosperaria; com ambições muitos se perdem. E ás ambições e

egoismo deve a sociedade as suas crises, assim como a politica os seus escandalos e torpezas.

Desenvolveremos em outros artigos os principios, que deixamos postos.

E terminaremos este primeiro congratulando-nos com o nosso bom amigo na íntima e bem fundada esperança, de que a sua empreza attingirá os fins que lhe desejamos — a illustração poplular e o bem publico, por meio de doutrinas bem applicadas ás grandes questões sociaes — sem rixa nem animosidade para com os proprios, que se apresentarem adversos.

M. L. JUNIOR.

No «Diario de Lisboa» de 17 de Novembro ultimo, vem o despacho do nosso amigo e condiscipulo, o snr. Rodrigo Augusto Cerqueira Vellozo, para administrador do concelho de Barcellos.

Pondo de parte a calorosa amisade, que nos liga ao snr. Rodrigo Vellozo desde a longa camaradagem nos estudos da universidade, força é confessarmos, que podemos esperar da nova auctoridade uma auspiciosa administração para aquelle concelho.

O snr. Rodrigo Vellozo é um moço de muita illustração, de reconhecida honestidade e de muita prudencia, e que por isso ha de captar as sympathias dos povos, e desempenhar com honra para si e para a administração publica o espinhoso cargo, em que foi investido.

Ainda que tardiamente, felicitamos hoje o snr. Rodrigo Vellozo pelo seu feliz ingresso na carreira publica, e damos os parabens ao concelho de Barcellos por ter á sua testa uma auctoridade, que tem os dotes, que devem caracterisar todo o funcionario publico.

### CORRESPONDENCIAS.

Guimaraens 30 de Novembro

(Cor. part. da Gazeta de Braga.)

Ao periodico de v., snr. redactor,

Meu Deus! Que lance aquelle! Erguime da cama como a onça que accommette a preza, galguei as escadas de um pulo, e segurei minha mãe.

Que scena de loucos! Estacamos como duas pedras de igual pezo e impellidas com igual força, que se chocam e separam.

Não saia, minha mãe, lhe disse eu Não vá subir lá fóra o que lhe posso dizer aqui. Não vá certificar o mundo que des-honraram a sua filha!

Que olhar o de minha mãe aquella infernal palavra! Que contracção do rosto, e que assummar de lividez como nuvem de tempestade! Que tremer dos beiços, que eriçar dos cabellos e que desentoadado grito soltou como a fera a quem arrancaram os filhos do antro escuro! Estava douda...

Mezes depois morria minha mãe no hos-

pital, e eu dava á luz, tambem morto, o fructo do meu crime.

Como havia de viver a pobre criança?... Sofri muito todo esse tempo... e para o fim ja me escaçavam os meios.

Ja tinha poucos freguezes. Uns haviam-me deixado por ser demorada no trabalho, outros por que lhe repugnava a minha miseria... E esse homem que me perdeu não repugnava a ninguém!

Insisti, comtudo, no trabalho, cheguei a supplicar que me ajudassem a viver, que concorressem para a obra da minha regeneração... e cada vez tinha menos encomendas.

Era o mundo a castigar-me sem me levar em conta o castigo da consciencia. Era o mundo a escarnecer das minhas lagrimas... o mundo que me ferira tão cruelmente... o mundo que só espesinha os desgraçados, que só esmaga as suas victimas... e só respeita os seus algozes!

Procurei servir, andei de casa em casa a soffrir os maus tractos das senhoras que

vou communicar algumas noticias d'esta cidade, patria do primeiro Affonso, que depois de levar diante de si proezas nunca vistas no campo d'Ourique, deu a existencia ao throno Lusitano, que desde a regia stirpe d'este monarcha até a heroica raça Joannina, e desde o mestre d'Aviz até ao nosso ultimo rei pacifico e illustrado, mostron em não interrompida série uns poucas de heroes.

D. Pedro V foi o ultimo d'elles, que, entregando-se mais ás pugnas incipientes da intelligencia e do trabalho, deixou, antes de baixar ao tumulo, uma gloriosa herança, e estudou porque modos e com que maximas um soberano podia banir da sociedade aquelles dois crimes para os quaes elle disse que não se legislava, e que são — o isolamento e a ignorancia, o despotismo da theoria e o despotismo da practica.

Para tornar os dias da geração nova em senda menos agra e deserta de bons dotes litterarios; para tirar a essas almas juveniz a estupidez da ignorancia, e sobretudo para não abraçarem a aberração dos gratos principios, possui esta cidade proficuos elementos de bem entendido interesse social.

Deus deixou no mundo um reservatorio para todas as affeições sanctas, e quem as merece é a escola de ensino superior e a casa de beneficencia, quando, sendo a primeira, aquecida pelo fogo da sciencia, torna o espirito culto, castigado e esclarecido, e a segunda, aquecida pelo fogo da caridade, essa irmã da fé e da esperança, companheira certa de muita virtude generosa, dá benefico auxilio ao orphão desvalido com o pão do corpo e melhor conforto para a vida.

Guimarães já prehenche os bellos encargos d'esta missão feracissima, e vassada na maior utilidade e no molde severo em que um povo brioso deve resumir o maximo dever d'uma cidade entrada em bem entendida civilisação e felicidade patria.

E' n'este mez, em que entramos, que entre os estudantes d'esta terra costuma haver um folguedo de longa data observado; consiste em collocar um pinheiro no meio da praça do Tonral, tendo no cimo d'elle, como bandeira illustre, o retracto de Minerva desenhada com o mocho ao lado; em irem

zelavam os seus maridos, e os dos filhos de familia, que se vingavam da minha indifferença.

Foi então que, n'um acto de desespero me lancei a essas casas de perdição, a essas lodaças de miseria, que por ahí ha tão frequentes, e que já não é possivel extirpar da sociedade.

A que estado de abjecção chega uma mulher! Como desce de degrau em degrau até á mais tórpe escaleira!

Que vida eu fui procurar, meu Deus!... Que dias de escuridão na alma! de tristeza tão negra, que fugia da cidade para divagar sosinha pelos montes, quando não ia infernar-me em dures a cherar sobre a valla, onde fóra enterrada minha mãe...

Como me lembrava a mocidade... a minha pobreza alegre... o meu trabalho diurno... as mais pequenas coisas que o fogo da desgraça ennegreceu...

Ali estava á mercê do primeiro que batesse á porta; obrigada a rir e a folgar como as outras, a occultar a dor dos sar-

todas as madrugadas que, desde o dia 29 de Novembro (é na noite de tal dia que na praça poem o pinheiro) precedem o dia 5 e 6 do mez decimo de cada anno, assistirem a uma novena celebrada na capella de Nossa Senhora da Conceição, a que deixam de ir quando chegam aquelles dois de Dezembro, dias de boa folga, mascarada, bando escolastico, facecias e exhibições, que no dia 6 se encontram com os mascarados montados em bem ajazados cavallos, e com bonitas maças para serem distribuidas pelas damas chegadas ás janellas, esperando já as offer-tas das maças que os estudantes vão buscar a uma freguezia rural, e em legitima renda lhe são dadas.

Bom numero de mezes se teem passado desde que os membros da camara d'este municipio quizeram remediar a falta em que a população estava sem uma praça de mercado, escolhendo para isso o local em que hoje se vê muito visinha do palacete suburbano do snr. visconde de Pindella, e da igreja de S. Domingos, cujo convento viu deitar por terra uma parte d'aquelles pardieiros velhos e lembradores da vida monastica d'outras eras, para haver mais largo terreno em que a praça podesse ter as dimensões precisas e elegantes.

Algumas pessoas d'esta cidade são adversas da idea que a camara teve em mandar alli construir a praça; queriam, desejavam antes que ella ficasse mais central, no sitio chamado do Anjo.

E' provavel que tenham razão. Que as praças de mercado publico ficam melhor no centro da cidade, o mostra a praça da Figueira em Lisboa, a do Anjo e a do Bolhão no Porto, e a do Campo dos Touros em Braga.

Sem embargo do que dizemos, a camara merece um louvor de gratidão, por ter emprehendido esta obra, que tão necessaria é a um povo inteiro. Por boas estradas de facil transito pode o visitante de Guimarães caminhar já commodamente: a estrada, que de aqui vai dar á florescente Villa de Famacião e alli se entronca na estrada do Porto, tem por companheira a que em outro logar da cidade, segue para Fafe; e os lances, que na extensão d'aquella estrada apparecem ao caminhante em caminho bem traçado e di-

casmos, em que abunda toda aquella gente, para a desgraçada que ainda tem uma lagrima de saudade da sua infancia, e uma lagrima d'arrependimento da sua des-honra...

E cada vez mais despresada... mais devassa... De dia a dia afazendo-me aquelles habitos, tomando aquella educação, acostumando os ouvidos ás palavras obscenas, iniciando os olhos nos quadros tórpes, instigando o coração a esquecer quaesquer affectos, esmagando-o com a mão da miseria para não recordar o passado, não sentir o presente, não olhar o futuro...

E faz-se tudo isto, e não se morre de dôr!.. Vive-se entre as flores do inferno e os espinhos da terra!

PEREIRA LOBATO.

(Continúa)

reito, não fazem esquecer os d'esta estrada, que também mostra alguns muito elegantes: a pessoa que de Fafe vier chegando a Guimarães, vê por sendas magestosas, por varzeas sem ladeiras e campinas bem lavradas, bonitas paisagens campestres, e para o lado esquerdo, o convento da Costa e a elevada serra da Penha, em que tão alegre se deleita a vista.

A estrada de Braga, que nos ha de ligar a essa cidade augusta e primaz das Hespanhas, não acabará ainda os trabalhos, e só toda concluída até as Caldas das Taipas não segue depois no caminho que ha de chegar até nós: a conclusão e o aformoseamento do que falta a pouco e pouco se lhe approximam; e a entrada que a estrada deve fazer n'esta cidade, tem servido para questões não cruentas, mas talvez proficuas: n'essa variante vimos ha pouco ainda fallar, quem, n'um jornal da cidade da Virgem soube apresentar o pró e o contra; deixar consignado um esboço modesto de considerações e analyse, que a logica dos adversarios quizeram de bom grado combater.

Ha dias succedeu aqui um caso lastimoso, d'uma victima infeliz e pouco acaufellada, que, trabalhando na construcção d'uma torre d'esta cidade, teve a imprudencia de se firmar n'uma pedra mal segura ainda, e, cahindo com ella, ficou logo sem vida.

Por enquanto são estas as noticias da localidade, que eu transmitto ao seu interessante periodico — saudando-o de todo o meu coração como antigo amigo e collega respeitoso.

F. J. de Oliveira Lemos.

Já ha muito tempo, que temos em nosso poder para ser publicada na «Gazeta de Braga» a correspondencia, que abaixo se segue.

Ainda que bastante retardada, pela interrupção do nosso jornal, mui gostosamente a publicamos hoje, e d'aqui damos um voto de louvor ao digno capellão do sanctuario de Nossa Senhora do Porto d'Ave, o snr. padre Joaquim Baptista Vieira, que é incançavel em promover o augmento, e em elevar ao seu maior esplendor o referido sanctuario.

Grandes melhoramentos se teem operado n'aquelle sanctuario, um dos mais fornosos e importantes do districto, desde que o snr. padre Joaquim Baptista Vieira foi nomeado seu capellão, cuja escolha foi acertadissima e mereceu os elogios do publico.

A correspondencia falla por nós:

ROMARIA DE NOSSA SENHORA DO PORTO D'AVE.

Foi esta romaria feita pela terceira vez, debaixo la gerencia do illustre capellão o reveendo padre Joaquim Baptista Vieira. E com effeito se nos dous annos anteriores trabalhou incansavelmente por afervorar a piedade e devoção dos juvos, a fim de dar nova vida a uma romaria das maiores da provincia e que, desde ha muitos annos, se achava quasi de toda amortecida, pôde e deve gloriar-se de

ver que n'este corrente anno de 1864 a dita romaria foi proporcionalmente muito mais concorrida e animada, isto, por certo, devido ao zelo infatigavel do digno capellão em promover obras de vulto, que afervorem a devoção; ao tracto e maneiras agradaveis para captar a benevolencia e estima dos povos; e finalmente ao empenho que toma por aformosear o local do sanctuario, confiado, por uma feliz escolha, aos seus cuidados.

E assim é que o povo, que este anno concorren á romaria, teve que ver e admirar, logo á entrada do templo, para o lado do nascente, um pequeno lanço de estrada construída de novo, e pegado ao muro d'ella uma fonte feita com primôr d'arte, tudo a expensas do illm.º snr. José Joaquim Gonçalves, brasileiro, e natural da freguezia de S. Bartholomeu da Esperança, a quem o reverendo capellão soube afervorar para levar ávante uma obra de tanto gosto e utilidade. Viu e admirou no ultimo terreiro um grande lanço de muro capeado, feito também á custa de um outro brasileiro, o illm.º snr. Menezes, da freguezia de Rossas, o qual, igualmente movido pelas instancias do capellão, não hesitou em concorrer com toda a despeza para esta obra, que tende ao aformoseamento do dito terreiro. Viu e admirou, enfim, junto á terceira capella, uma outra fonte nova, cuja agua sabe d'uma mina difficil na verdade de romper pela muita dureza, mas que ao digno capellão não obstou uma tal difficuldade para emprehend-la e mandal-a ainda continuar com o fim de ver, se pôde, conseguir maior abundancia d'agua. Eis o que apresentou de novo este anno aos olhos do povo, que veio á romaria, e isto afóra as despezas com caiadores, e tudo o mais concernente aos reparos indispensaveis para a conservaçã do templo, capellas, muros, escadarias etc. Basta. Releve-me o reverendo capellão estes ellogios, pois que, por bem merecidos, não deve com elles offender-se a sua modestia.

Agora duas palavras acerca da funcção. No dia 30 de agosto, como é de costume, principiaram as novenas, e tão concorridas foram, que cada dia de novena bem poderia olhar-se, como um dia de festa.

A quatro de setembro celebrou-se a festa da confraria de Nossa Senhora do Allivio, a que nada faltou para ser lusida e solemne. Prégou o joven talentoso levita o reverendo padre Manoel Alves, da Freguezia de Sarafão, que desenvolveu muito bem o assumpto, que se propoz tractar.

No dia 6 á noite houve fogo soito e preso, uma linda e brilhante illuminação na frente da capella sobranceira ao terreiro do meio, e duas bandas de musica, tocando uma e outra variadas e harmoniosas peças. No dia 7, dia da maior concorrência, e eu que, na verdade, affluí um povo immenso, das trez para as quatro horas da tarde sahiu do templo uma lusida e pomposa procissão, na qual iam dous carros triumphaes com dous côros d'anhos, ricamente vestidos, e um outro a pé, cantando todos, aqui e ali, lindas e harmoniosas canções, todas allusivas

ao alto mysterio do nascimento da Santissima Virgem.

Á noite houve immenso fogo do ar e preso, em que muito se distinguio o artista Francisco Dias. Repetiu-se na capella assima dita uma esplendida e brilhante illuminação, tocando quasi toda a noite as duas bandas de musica, de que já fallei.

No dia 8, dia principal da festa d'egreja, principiou a funcção das 11 para o meio dia, em tudo foi, na verdade, apparatusa pelo acceio do templo, grande numero de sacerdotes assistentes, e muita concorrência de povo. Prégou o Ill.º conego Figueiredo, o qual n'um bem elaborado discurso, mostrou, pela pureza de lingoagem, sublimidade de pensamentos e vivacidade d'acção, que possui os dotes d'um perfeito e eloquente orador. No fim sahiu em volta do templo a procissão do costume.

Eis-aqui em substancia tudo o que se passou na romaria d'este corrente anno de 1864, não havendo a notar o menor barulho ou perturbação.

Peço, snr. redactor, tenha a bondade de dar publicidade, no seu bem redigido jornal, a esta breve descripção, com o que muito obrigará ao

De V. affecto e constante leitor.

F

S. Thyreso 30 de Novembro.

(Cor. part. da Gazeta de Braga.)

Hoje que estava resolvido a entregar a minha cara ás mãos do Antonio Estribeiro, dirigi-me ao seu estabelecimento, o primeiro d'esta ordem cá na terra; quando estava distante «talvez cinco metros e cinco decímetros» da porta do dito estabelecimento, um meliante me corta os passos. Recuei: eram nove horas da noite; o astro destinado a illuminar o nosso globo na auzencia do sol tinha retirado de sobre esta villa seus amortecidos raios.

Fixo a vista no vulto que se me antepõe, e vejo luzir um não sei que «branco».

Uma voz que oiço, me diz: acceite, e leia.

Estendo vagarosa e timidamente a mão; apalpo, e conheço ser um papel o objecto, que se apresenta. Pego n'elle e dirijo-me á loja do snr. estribeiro, que é mestre barbeiro, mestre alfaiate, marcador de bilhar, cabo de policia, zelador da Camara Municipal, e tocador de rebeca, e violão: á amortecida luz do candieiro, talvez anterior ao que Moysés mandou collocar no Tabernaculo, leio a custo o seguinte:

Carta do Caruzo pai, d'Agueda, ao Caruzo filho, de Sancto Thyreso.

M.

Desejo-te saude, e felicidades, e á tua sancta Victoria, e ao Romão. Eu, «bem o diga», vou passando: a tua mãe e irmãs estão todas fêras e rijas.

Ha mais de 3 mezes que me não escreves; não sei, se é por falta de

saude, se pelos teus embaraços, pois me consta que escreves estopadas com privilegio de libellos famosos para uma gazeta do Porto, e isto é a causa, segundo me consta, de te quererem ahí muito mal.

Eu sempre te conheci inclinado á má lingoa, e á ingratidão, mesmo com aquelles, que te apagam a fome.

Ora, pois, trata de te emendares; não insultes a torto e a direito; deixa-te de ser borrador de papel; podes aproveitar melhor o tempo em cuidar da tua Victoria, da arrumação do Romão, e das lições dos poucos alumnos que tens.

A proposito: o Romão chrismonse? Consta-me que se chama Matheus: é verdade? Tu lá te entendes. Peço-te pelo amor d'avô que lhe des arrumação, porque aqui se diz que elle é o teu «cosinheiro» e a senhora mãe se aninha á tua beira, quando estás a dar a lição aos «cachopos». Isto não é bonito, e é preciso ter vergonha. A um padre tudo lhe fica mal.

Sei que te affligiu muito, que um estucador que esteve aqui a trabalhar fosse ahí dizer, que eu era «taberneiro», e tinha cegado d'ambos os olhos, apegando fogo aos morteiros na festa de Sancta Luzia.

Mas isso que tem? com tanto sejam verdades, não te deslustram. Os homens não nascem, fazem-se. Faz, tu, por ser honrado: pratica boas acções, e não recebas inspirações de ninguém. Procura outro homem, que não seja o «Botarota», para te ajudar á Missa, e has de viver melhor.

Sei que o snr. Joãozinho Trepate recebeu em sua casa, e que elle te deu vinho melhor trinta mil vezes, do que eu estou vendendo, e venderei toda a minha vida.

Sei que tens recebido favores de outros senhores d'essa terra, e estes favores debes tel-os em consideração, e honrar-te com elles, jámais lembrando-te da humildade do teu nascimento, e das vontades que tua mãe fez áquelle senhor deputado para te pôr ao pé do altar.

Retribue ao menos com educação, a quem te dá a consideração, que não mereces. Se te não emendares, ver-te-has forçado a retirar-te d'ahi, como retiraste de C., odiado por immensas familias, a quem intrigaste.

Olha, o teu amigo Barbeiro disse a tuas irmãs, que tu escreveste uma carta ao snr. Delegado do Thesouro, intrigando o escrivão da Fazenda d'essa comarca, e que por um triz escapaste a uma policia correccional.

Tambem nos disse em segredo a vizinha Josefa «a que se surte da nossa loja de vinho e iscas» que lhe constava por boa fonte, que tu sahes d'ahi algumas vezes, e deixas, por muitos dias, os estudantes sem aula. Disse mais: que tu breve sahirias d'ahi para ires passear o Porto e Vianna, e que aproveitavas a occasião para com a tua influencia fazeres pregar as portas do Bilhar do Friães, para d'alli te não miarem de gato, quando tu passas com o canhalha do «desertor» do Repouso.

**GAZETILHA.**

Disse mais o Barbeiro: que, quando te parece, dás feriados aos rapazes, e que fazes isto, porque o administrador te protege, visto que lhe deitaste o «escripto» nas eleições.

Mas olha que, apesar da protecção do administrador, tu estás em perigo de largar a posta, e tens de te retirar d'ahi apupado de todos: e com que necessidade?

Tu podias viver em paz com a tua Victoria, e com o nosso Matheus: podias prégar os teus sermões: podias receber o teu ordenado: podias roubar os dias de lieção aos rapazes, e o mais que quizeses, mas devias deixar-te de politica, de dizer mal por devoção, e de escandalisares ninguem com a tua má lingua.

Dou-te estes conselhos, porque um pae deseja o augmento dos filhos, e boas noticias a seu respeito, mas estou toda a vida a ouvir más novas. Alguem nos disse, que tu te abonavas muito com os srs. conde da Graciosa e visconde da Borralha, e que dizias ter sido recebido em suas casas por occasião de reuniões de familias.

Achei que a mentira era graúda de mais, e então desenganei a quem m'o disse.

Tu bem sabes que nunca tiveste entrada em taes casas. Tu bem te conheces, não és fidalgo, não és pessoa, que seja chamada aos bailes: tu não dansas senão com a tua Victoria, e por isso não sei para que te inculcas «grande» conhecendo-te todos.

Já sei que tens umas botas muito grandes, que te chegam aos joelhos, e que no dia em que o sapateiro l'as levou, logo as calçastes, para a Victoria ver se te ficavam bem.

Consta-me que tens mandado vender alguma roupinha da que já não usas, e seria melhor que m'a dêsse, porque bem sabes quaes são as minhas circumstancias, que não tem comparação com as do tempo em que se fazia muito negocio em vinho; mas desde que veio o mal das vinhas, a coisa mudou muito de figura, porque o vinho de martello é pouco procurado.

Adeus. Visitas de tua mãe e irmãs, e dos parentes Guerras para a Victoria, para o Romão ou Matheus e responde-me se é verdade o que aqui me contam todos os dias de ti. Abril 14 de 1864.

Teu pae do c.  
O Cozua d'Agueda.

Eis as formaes palavras que encerrava o tal papel que o tal «ratão» escondido no manto da escuridade me entregou.

Não conheço as personagens que figuram n'esta «comedia», e nem me dou ao trabalho de indagar quem são.

Se alguem julgar que a carapuça lhe ajusta bem, lance mão d'ella, e calle-se, que assim obra melhor. «Quis potest capere, capiat».

Como noticiaria não tomo a responsabilidade do conteúdo n'este «Libello accusatorio».

Figueiró d'Agra.

**Chronica religiosa.** — Selebrou hontem a Sancta Egreja a festividade da Augusta Rainha d'este reino fidelissimo, a concepção immaculada da B. Mae de Deus, que ha 10 annos fora proclamada do alto da Cadeira de S. Pedro, pelo venerando Pastor da Egreja Pio IX. Por este motivo houve as costumadas manifestações religiosas, e se celebraram em diversos templos pompasas festividade.

Na capella do Palacio Archiepiscopal teve lugar esta solemnidade com o maior apparato, e bem assim nas egreja da ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco, e das religiosas de N. S. da Conceição dos Pelemes.

Na primeira foi orador, o muito conhecido o reverendo sacerdote o ill.<sup>mo</sup> sr. João Rebello Cardoso de Meneses, jovem de incontestavel virtude, abalisado talento e profundos conhecimentos os quaes bem deixou apparecer na bella oração que recitou na capella Archidocesana.

**Concursos.** — No «Diario de Lisboa» de 3 do corrente se annuncia aberto concurso para o provimento das seguintes egrejas parochiaes d'este archiepado: Lavradas, (S. Miguel) concelho da Ponte da Barca.

Queimadella (S. Pedro) concelho de Fafe.

Ribeirão (S. Mamede) concelho de Villa Nova de Famalicão.

**Casamento real.** — Annuncia-se para os principios da janeiro o consorcio da Princesa Sophia de Saxonia com o Principe Carlos Theodoro, duque da Baviera.

A Solemnidade terá lugar em Drese e assistirá a ella a Imperatriz d'Austria.

**Enterro.** — Na segunda feira foi sepultado n'uma catacumba do cemiterio dos Despresos, um filho do sr. Antonio José Pimenta Gonçalves, da Fonte da Carcova. Era um moço de 16 annos d'idade.

Acompanhamos a sua consternada familia na dôr, que a opprime pelo fallecimento d'um filho, e d'um irmão extremoso.

**Grandes desastre.** — Nos fins d'outubro passado succedeu perto de Chattanooga o desencarrilhamento d'uma locomotiva, do que resultou ficarem mortas cinco pessoas, e quinze gravissimamente feridas; e não tardaram oito dias sem que outra desgraça muito horrorosa se desse perto de Callicoou.

La o trem expresso, que partia de Cincinnati para leste a 130 milhas de Now-York, quando o engenheiro notou que uma agulha habia sahido fora do seu lugar. Era ja tarde e os wagões não poderam deixar de precipitar-se da altura de 30 pés sobre montões, de pedras morrendo logo 15 pessoas, e ficando 27 horriavelmente fracturadas.

**Desgraças.** — Uma mulher de Pesth, casada com um mestre de natção, tinha perdido sete filhos, restava-lhe apenas uma filhinha de alguns mezes.

Ha poucos dias foi a creança acommettida de uma pequena erupção de pelle.

A desolada mãe já via n'isto mais um golpe fatal, e disse ás visinhas que não

sobreviveria á perda da sua ultima esperanza.

No dia seguinte a visinhança sentiu bulha estranha no quarto da mulher, e foi inquerir o que era.

A desgraçada tinha enlouquecido. Havia quebrado toda a mobilia do quarto e rasgado os vestidos que trazia. Apeitava convulsamente contra o peito a creança, que morreu suffocada.

A muito custo foi a mulher transportada para o hospital, onde logo lhe vestiram um colete de força.

O marido, quando chegou a casa e soube d'este acontecimento, perdeu tambem o juizo. «Gazeta de Portugal».

**Grande sinistro.** — Pela uma hora da tarde de 27 foi pelos ares na communa de Bellevue uma parte da fabrica de cartuchos e de fulminantes ali estabelecida.

Morreram logo uns seis ou sete operarios, e um caixeiro morreu no dia seguinte depois de um soffrimento horroroso.

O chão ficou juncado de braços, pernas, bocados de carne, etc. Era um espectáculo desolador.

Felizmente os depositos de polvora e de salitre escaparam.

Os estilhaços chegaram a uma distancia de 500 metros. Idem.

**AGRADECIMENTO.**

D. Augusta Eduarda de Sousa Lobo, seus filhos e filhas, e seu tio José Pereira d'Azevedo, extremamente penhorados pelo testemunho de amizade e benevolencia que receberam de varios cavalheiros, senhores e mais pessoas d'esta cidade, por occasião do passamento de seu marido, pae e sobrinho, João Pereira Lobo Soares d'Azevedo, a todos fazem publico o seu reconhecimento, pedindo lhes relevem o não darem pessoalmente este testemunho; e offerecem, da melhor vontade, os poucos serviços que podem estar ao seu alcance.

**PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.**

**BOUDOIR.**

PERIODICO DE MODAS, MUSICAS, POESIAS, LITTERATURA E NOTICIAS THEATRAES.

Publicou-se o n.º 48 d'este magnifico semanario que se publica sob a protecção de

SUA Magestade

**El-Rei o S. D. Fernando.**

COLLABORADORES

As exm.<sup>as</sup> sr.<sup>as</sup> D. Clotilde Palmira de Miranda—D. Julia de Gasmão—D. Henriqueta Amelia de Menezes Costa.

COLLABORADORES

Os srs. Latino Coelho—Lhomaz Ribeiro—F. Palha—Luiz Breton y Vedra—Ernesto Marecos—Pinheiro Chagas—Eduardo Coelho—C. Marianno Froes—Ernesto Biester—R. Cordeiro—San-

ctos Lima—E. Vidal—Gesar Machado—L. A. Palmeirim—Guilherme d'Azevedo—G. Cascaes—Brito Aranha—E. Garrido—Pedro Vidreira, e outros

R. DACTORES

Os srs. Lorena Queiroz—Luiz de Araujo—e Senna Freitas.

Este periodico, que tem merecido o bom acolhimento dos seus assignantes continua a occupar-se de modas, musica, litteratura, critica, theatros, etc., etc.; dá figurinos gravados e coloridos em Pariz pelos mais acreditados artistas, os quaes são distribuidos em Lisboa muitos dias antes de chegarem os jornaes francezes; apresenta os seus assignantes com grandes folhas de debuxos para bordados de diferentes especies e com grandes folhas de moldes para diversas «toilettes»; continua a publicar um album musical, contendo, pelo menos, 76 paginas de musicas ineditas; e se a concorrência das assignaturas animar a empreza, apresentará todos os melhoramentos precisos para elevar esta publicação a altura das primeiras publicações d'este genero.

N'esta hypothese, publicará gravuras francezas representando diversos trabalhos de crochet, ou missangas com as precisas explicações em portuguez etc.

**PREÇO D'ASSIGNATURA**

Portugal (moeda forte)

Anno (serie de 48 numeros)... 2\$800  
Semestre (serie de 24 numeros)... 1\$400  
Trimeztre (serie de 12 numeros)... 720

Brazil (moeda forte)

Anno, incluindo o porte... 3\$800  
Semestre, ..... 1\$500  
Numeros avulso ..... 240

Para os srs. assignantes de fóra da capital augmenta o importe das estampilhas.

Condições:—Paga aliantada, renovada em tempo competente para não haver alteração na remessa.

Assigna-se nos prinçpaes livreiros de Lisboa e no escriptorio da redacção na rua do Arco da Baudeira n.º 39, 2.º andar.

**ARCHIVO PITTORESCO.**

SEMANARIO ILLUSTRADO.

Principal redactor o sr. Silva Tullio. Editores Castro Irnão & C.<sup>a</sup> Rua da Boa-Vista, paacio do conde de Sampaio.

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA DO ARCHIVO PITTORESCO.

Lisboa, (52 n.ºs ou 12 caherns)... 2\$000  
Provincias, franco de porte... 2\$200  
Brazil, moeda fraca... 6\$000

Os 6 volumes publicados vendem-se em Lisboa, juntos ou separados, em brochura cada um 2\$00 réis, encadernados 2\$360 réis. Cada numero avulso 50 réis.

O pagamento das assignaturas é pago adiantado; o das provincias póde ser feito por meio de vales do correio e sem que se receba a sua importância se fará remessa alguma.

BRAGA: TYP. DE DOMINGOS G. GOVEA. — Rua Nova n. 42. —